

NARRATIVAS DA NEGRITUDE: AS EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE CULTURA E ARTE NEGRA TRAVESSIA E DO DIRETOR TEATRAL PEDRO PAULO DA SILVA

Sérgio Luiz de SOUZA
Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES
E-mail: srgioluz@yahoo.com.br
Marta Rezende Brandão CARNEIRO
Secretaria de Estado da Educação - Goiás
E-mail: brandaocarneiro@gmail.com
Ricardo Wesley MARTINS
Secretaria Estadual da Educação de São Paulo
E-mail: prof.ricwmartins@gmail.com

Resumo: Propomos neste artigo expor os resultados de nossa tese de doutoramento acerca do protagonismo das populações negras e das redes sociais que estas populações constituíram para superar os entraves colocados pelo racismo e, também, para produção de narrativas positivas a respeito de sua história e de suas culturas com a positivação de suas identidades. Por meio de entrevistas semiestruturadas e da interpretação de documentos escritos e iconográficos, realizamos interpretações que nos permitiram compreender a abrangência e a relevância de formas de organizações que os/as afro-brasileiros/as criaram no nordeste paulista e triângulo mineiro, entre as décadas de 1930 e 1990. Dentre clubes recreativos, times de futebol, associações carnavalescas, grupos de capoeira e outras organizações, destacamos os grupos de teatro e cultura negra, particularmente o Grupo de Cultura e Arte Negra Travessia, fundado em Ribeirão Preto, São Paulo, na década de 1970, por Pedro Paulo da Silva. Pedro Paulo, como era comumente chamado, é reconhecido como um grande diretor teatral que, por meio da atuação à frente de organizações negras ao longo da vida, surge como importante líder e artífice de ações que marcaram a af renças dos afro-brasileiros com grande importância a partir da década de 1970.

Palavras-chave: Pedro Paulo; Grupo Travessia; luta antirracista; São Paulo; identidades afro-brasileiras.

1 - A trajetória de Pedro Paulo da Silva

Pedro Paulo da Silva foi um homem negro que viveu na cidade de Ribeirão Preto - SP, entre as décadas de 1950 e 2005. Foi filho da senhora Antônia da Silva, uma mulher negra obrigada a criar Pedro Paulo de forma solitária que, como cozinheira e com outros trabalhos, conseguiu dar sustento a seu filho.

Pedro Paulo da Silva, comumente lembrado como Pedro Paulo experienciou, juntamente com a senhora Antônia, três das principais expressões da violência na sociedade brasileira: o machismo (acentuado pela condição de sua mãe, mulher negra e “solteira”), a pobreza e a desigualdade econômica e, por fim, a opressão racista. Mesmo neste quadro, Pedro Paulo conseguiu subverter as normas da exclusão e tornar-se um líder autodidata como um dos grandes Diretores teatrais do Estado de São Paulo à frente do Grupo de Cultura e Arte Negra Travessia. Mesmo tendo cursado apenas o quarto ano primário (outra condição comum

à maioria da população negra à época), conduzia espetáculos teatrais diversos e mantinha contatos com diferentes segmentos das populações brancas e negras, desta forma, Pedro Paulo destaca-se como um dos ícones da cultura brasileira em geral e da cultura afro-brasileira em especial, principalmente entre as décadas de 1970 e 2000.

Sua atuação, além do combate ao racismo por meio do teatro, dança e poesia, com a inclusão da capoeira e outras expressões das populações negras, foi marcada por este diretor teatral ser um dos pilares das lutas antirracistas do século XX no Brasil (SOUZA, 2010). Uma de suas produções mais marcantes, foi o *Festival Batuque de Tocaia* que ocorreu durante mais de 20 anos, sob a regência do senhor Pedro Paulo da Silva, em uma das tantas parcerias do Grupo Travessia com outras organizações negras como o Clube do Patrocínio e o Grupo Cativoiro de Capoeira:

O Batuque de Tocaia era feito em abril, o Pedro Paulo e o pessoal da organização convidavam negros de fora que se apresentavam. E tinha tanta gente! Tinha apresentações, fala, teatro, dança, música, apresentação de dança afro e lembro que tinha apresentação de Congada Praça XV (que também fazia parte do evento). Lá no Batuque de Tocaia era a comunidade! O Pedro Paulo era a estrela do palco, mas ele não tinha aquela preocupação de aparecer, ele queria que as pessoas aparecessem, ele empurrava a gente pra se apresentar, pra falar, ele queria todos no centro do processo (Sr Sebastião, 48 anos)¹.

Muito da formação de Pedro Paulo vem dos ensinamentos das organizações negras paulistas durante sua infância em Preto. Uma das expressões culturais destas organizações, no nordeste paulista, eram os bailes realizados pelos clubes negros. Bailes cuja mãe, Sra. Antônia, mais conhecida como Dona Tundê, muito cantou tanto em salões mais simples quanto nos bailes de gala, em décadas anteriores:

Lembro uma vez a Dona **Tundê, que era mãe do Pedro Paulo o nome dela era... ahh, Dona Antônia! Ela começou cantar:** “*se você não me queria, não devia me procurar (do Monsueto), não devia me iludir, nem deixar eu me apaixonar*”! Aí o pessoal começou, cantando junto: “*enfrentar este amor, é muito mais, você arruinou a minha vida (eu lembro que o finado Vavá gritou lá), hora vá mulher, me deixe em paz*”! Era uma coisa linda, o povo cantava tudo junto, todo mundo cantava (Sr João Pinto, 58 anos).

O reconhecimento a Pedro Paulo surge em lembranças de diversos depoentes de nossa pesquisa. Este grande Diretor teatral é rememorado como artífice de atuações pautadas pela afirmação das identidades e das diferenças dos afro-brasileiros, a partir da década de 1970. Sua atuação, além do combate ao racismo por meio do teatro, dança e poesia, contava também com a inclusão da capoeira e outras expressões das populações negras, em um visível contraste com padrões identitários pautados pelos padrões eurocentrados:

Não, eu acho que na minha visão uma das maiores conquistas foi através do Grupo Travessia. Por que o Pedro Paulo, ele era o inverso. O Pedro Paulo veio lá de baixo e pulou pra dentro do grupo. Isso que eu estou te falando

¹ Esta e as demais citações de senhores e senhoras com suas respectivas idades são parte das entrevistas destes e outros depoentes participantes da pesquisa realizada por nossa tese de doutoramento em sociologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Campus de Araraquara, SP. Todas as entrevistas foram desenvolvidas nos anos de 2008 e 2009.

aqui, a grande dificuldade dos nossos nego véio de aceitar a gente administrando junto com eles, até mesmo depois que se organizou o Zé do Patrocínio, foi o nosso líder, **o Pedro Paulo**, ele era um líder nato **o nosso líder foi o Pedro Paulo**. O Pedro Paulo pegou os adolescentes, ele e outros, e ele engajou num projeto cultural (Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

Um sujeito que, devido aos ganhos das lutas antirracistas de outras organizações, conseguiu subverter as normas da exclusão étnico-racial e tornar-se um líder autodidata. Com apenas o quarto ano primário, conduzia espetáculos diversos e mantinha contatos com diferentes segmentos das populações brancas e negras:

O Pedro Paulo é uma pessoa que **tinha que ter um monumento em Ribeirão Preto**, pra fazer com que soubessem quem era ele, como **ele deixou esse legado**, é um cara que tem que ter nome de rua, nome de avenida, esfinge com nome dele. Ele era muito inteligente, autodidata. Porque o Pedro Paulo não tinha a quarta série do primário, ele tinha uma autocrítica tremenda. Ele fazia oficinas, ele fazia com a gente na nossa turma, no grupo de teatro e ele também assim, ele tinha uma coisa legal, ele também passava pro sujeito na capoeira que a gente entrava, e atuava junto com o pessoal do Cativeiro (grupo de capoeira) (Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos; Sr Luis Antônio, 59 anos, grifos noss .

Neste caminho, o Grupo Travessia foi reconhecido como organização negra relevante na atuação político-cultural da população de Ribeirão Preto, do nordeste paulista e do triângulo mineiro e do Brasil. Esta organização teve diferentes fontes que geraram seu surgimento, uma delas foram as reuniões e discussões ocorridas no Clube José do Patrocínio em meio às discussões políticas pela emancipação das populações negras, nos primeiros anos da década de 1970.

O Grupo Travessia, dirigido por Pedro Paulo, constituiu-se como uma organização fundamental para geração de expressões importantes na reinvenção e ocupação de espaços urbanos e para construção de referenciais positivos constituintes de narrativas que colocaram a história e a cultura dos africanos e afro-brasileiros/as em um patamar de respeitabilidade e legitimidade social:

Uma festa que lembro do "Travessia" foi o "Negro falado". O "Negro falado" foi fundamental para o Travessia por que foi para as escolas, foi falar sobre a questão racial, sobre o preconceito, sobre as lutas do negro neste país... Era o Pedro Paulo junto com a Claré, a Alzira, a Janete que já morreu, a Tica, a Dulce Brito... (Sra. Ádria, 60 anos).

Com a reinterpretção de elementos culturais provenientes de diferentes fontes, inclusive da cultura europeia, realizaram inserções em diferentes espaços como escolas, teatros e praças para desconstruírem as narrativas da discriminação:

Vamos assim dizer, ele transformou o Travessia num projeto cultural que era ele que participava do teatro e através disso aí a gente passava sábado, domingo reunidos, só conversando sobre Camões, Lusíadas e ele dava toda uma **explicação do que ele achava da concepção dele, onde tava a discriminação, onde que tava o preconceito. Ele queria obras pra tal objetivo**, porque o Pedro era bem radical nisso (Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

O grupo Travessia, por meio de ricas performances, baseadas em elementos culturais diversos provenientes de poetas afro-brasileiros e, ainda, das culturas africanas e afro-brasileiras, conquistou as praças públicas e transformou em territórios negros espaços os mais variados:

Não, mas tem um nome o menino lá que ele conheceu através do FECONEZU. Porque assim que nós fizemos em 1979, o FECONEZU, lá no José do Patrocínio, falei: “Vamos fazer Pedro Paulo”! Nós fomos os primeiros... E o Pedro Paulo: “Vamos fazer”! E aí, o que nós fizemos para fazer? Na época, nós não tínhamos condição de fazer pra da, vamos dizer assim. Aí, o que nós fizemos? O Pedro Paulo bolo uma roda de poemas, entendeu? Aí os meninos e nós decoramos algumas falas de poesia do Cuti, Castro Alves, e nós fizemos a brincadeira lá Praça XV. Levou o grupo Travessia pra lá e fizemos a roda de poema. Com atabaque também, o Pedro Paulo interpretava os outros vinham, aí os brancos ficaram doidos, era coisa que eles nunca tinham visto (Sra. Maria da Apresentação, “Tica”, 48 anos).

Com estas ações e com a realização de festivais como o Batuque de Tocaia e o FECONEZU, as organizações negras conquistavam visibilidade social. Desta maneira, os membros do José do Patrocínio e do Grupo Travessia conseguiam ocupar diferentes espaços, como o meio televisivo e a mídia impressa, os jornais. Estas conquistas repercutiam-se como bases ao fortalecimento de memórias que remetiam à vitória, estratégias de luta, poder de criação e inventividade, geralmente em eventos com a presença de grupos negros da região nordeste paulista, e de outras regiões, a exemplo da cidade de Campinas e da cidade de São Paulo:

E, durante minha gestão, não tinha dinheiro pra fazer propaganda, a gente fazia notícia! Então levamos a televisão pra lá, várias presenças, etc e tal. Primeiro veio um pessoal de Campinas, veio um pessoal São Paulo e a gente trazia grupos culturais de outras cidades pra se apresentar, foi uma coisa emocionante! Era uma vez por ano. E com o Pedro Paulo junto, porque verdade seja dita ele pensava em cultura mesmo e eu dava apoio... Ele escrevia, representava, criava coreografia, depois veio a Márcia, a Janete, tinha uma rapaziada boa. Participava a Tica, a Cidinha irmã dela. O Tião Preto, o Cabide. (Sr Luiz Carlos, 55 anos).

Referenciais buscados por organizações negras de Ribeirão Preto, mais particularmente o “Clube José do Patrocínio” que, na década de 1980, conseguiu, inclusive, incluir expressões seculares das populações negras no calendário cultural oficial de cidade de Ribeirão Preto, na década de 1980:

Hoje nós temos como parte do calendário festivo oficial da cidade a Festa de Reisado, Congadas e Moçambiques. De onde isto partiu? Surgiu no José do Patrocínio, no departamento cultural com o Pedro Paulo a Ádria e outros, fazer algo para enaltecer, que além da capoeira e tal. Vamos trazer Congada, porque nós temos que mostrar pro povo uma manifestação que é de origem dos negros escravos e de origem africana. Vamos fazer com que Preto conheça essa manifestação, trazer também umas companhias de Reis pra cá, porque tinha algumas. Pintou a ideia e fomos ver, nesta região de Santo Antônio da Alegria, Altinópolis é o foco. Fomos falar com a Secretaria da Cultura pra patrocinar pelo menos condução e alimentação (Sr Luis Antônio, 60 anos).

De forma breve, apresentamos algumas conquistas do Grupo Travessia de Cultura e Arte Negra no sentido de dar melhor dimensão a respeito da importância de Pedro Paulo da Silva. Desta forma, procuramos assinalar a dinâmica que esta organização negra, sob o comando deste grande personagem da luta antirracista da história do Brasil gerou. Lutas e conquistas estabelecidas por meio das redes sociais construídas pelas populações negras no processo de afirmação de suas identidades e de valoriz de suas particularidades culturais e históricas. Temos, portanto, uma sucinta exposição de como a ação de Pedro Paulo da Silva propiciou condições para a população negra constituir discursos de superação das racistas com outras percepções de si mesmas, dos demais sujeitos sociais e das relações étnico-raciais. Ações situadas no contexto de busca pela superação da invisibilidade e da marginalização étnico-racial, superação permeada pela construção de narrativas pautadas na valorização, do fenótipo, da cultura e da história dos povos afro-brasileiros, africanos e de toda diáspora negra.

2 - O grupo travessia e os festivais de cultura negra

Um dos pontos altos da ação de Pedro Paulo junto ao Grupo ia e, também, das organizações negras em geral, no Brasil, foi a realização dos denominados festivais de cultura e arte negra. Estes se tornaram momentos nos quais ocorria uma profusão de narrativas de valorização das populações negras e, conseqüentemente, de desconstrução do racismo.

Os festivais de cultura têm antecedentes remotos na história das organizações negras durante o século XX. Desde a década de 1930 temos registros de que as associações carnavalescas afro-ribeirão-pretanas produziam “festivais de cultura” em que pessoas negras apresentavam-se com variadas formas artísticas e, dentre outras atividades, dançavam, “faziam bailados” e cantavam:

E nós íamos fazer festival pra fora. Ia o Ezequiel, ia o seu Joaquim Silva, que morou na Vila Virgínia, ia o Arlindo Branco e os demais. Iam naquela cidade pra contratar o show, e nós íamos. E o dinheiro que dava daquela festa era tudo pro carnaval. Era lindo, maravilhoso nosso tempo! Tinha os artistas, tinha os bailados, eu dançava nos bailados junto c as outras meninas, era uma maravilha! O bailado Danúbio Azul, aquela música nossa! Nós tratávamos passo por passo, conforme a música, era uma maravilha! Depois do bailado, tinha as pessoas que cantavam, que nem no show do Raúl Gil. Eu cantava, a Tota cantava, a Lourdes cantava. Era um mundo, um punhado. Ali arrecadava o dinheiro pra sociedade (Sra. Mercedes, 75 anos).

Além da arrecadação de recursos financeiros, com as apresentações de seus blocos pelas cidades vizinhas e com a realização de seus festivais, tanto em Ribeirão Preto quanto em outras localidades, as sociedades negras estabeleciam caminhos de afirmação e mediação sociocultural para os grupos negros, caminhos esses que também viabilizavam financeiramente a realização dos desfiles de seus blocos durante o carnaval (SOUZA, 2007). Outra organização negra a realizar festivais com drama e peças teatrais acompanhadas de cantos e danças era o “Centro Recreativo e Literário Machado de Assis”, direcionado para “estudantes de cor”, fundado em janeiro de 1932. Instituição rememorada por uma de nossas entrevistadas da seguinte maneira:

Minha mãe levava meu irmão mais velho na Sociedade Machado de Assis, uma sociedade de negro chique na cidade. Eles davam baile na Italiana e outro lugar. Eles faziam festival, sabe? Aqueles negro cantava, meu irmão, minha irmã participava de dramas, peças. Sei que era b... Acho que eu tinha uns sete anos. Cantava, cada um fazia uma apresentação. Um cantava, outro dançava. Em frente à Italiana tinha um teatro e... se apresentavam ali (Sra. Jenny, 77 anos).

Estas memórias de entidades da década de 1930, sejam aquelas ligadas aos blocos carnavalescos ou, aquelas direcionadas a formar “estudantes de cor”, são exemplos de que os festivais de cultura foram parte da tônica das organizações negras em diferentes contextos da diáspora negra brasileira. Desta forma, podemos perceber que, desde a década de 1930, por meio destes festivais de cultura e grupos teatrais, constituíram-se expressões identitárias importante para a reinterpretação da sociedade brasileira fora dos valores racistas. Outra experiência relevante de antigos grupos de teatro no nordeste paulista que podemos citar refere-se aos negros do clube “Estrela do Oriente”, na cidade de Barretos, nos anos 1940:

Teve, teve uma época **ai que teve o teatro esqueci o nome, eu participei**. Eu era uma rumba. Eu entrei dançando uma **rumba, vestida de rumba**, aquele vestido aberto assim de babado. Foi muito bonito o filho dele, o finado Luiz, fez um outro papel, cada qual tinha seu papel, muito inteligente também, falecido. Não tem mais ninguém dela e a filha última que tinha morreu a ano passado. Lá em Campinas (Sra. Liberalina, 82 anos).

Estas práticas se estabeleceram antes mesmo do Teatro experimental do negro desenvolvido por Abdias do Nascimento, na década de 1940, com recriações ao longo do tempo. Nas décadas de 1970 e 1980, constituíram as atuações das organizações negras no nordeste paulista e do triângulo mineiro nos fluxos de informações e parcerias definidas entre negros destas e de outras regiões como Campinas e a capital paulista:

Tinha um povo do Bandalá de São Paulo, Liberdade, Canto e dança de Campinas, um povo cheio de ser estrela, mas quando a gente se apresentava no meio desse povo fazia sucesso. O Grupo Travessia também tinha essa coisa de muita força. Muita representatividade (Sr Sebastião, 48 anos).

Em Ribeirão Preto, durante a década de 1970, surgiu a... de Teatro Travessia a partir das chamadas brincadeiras dançantes e das referências das sociedades negras de tempos anteriores. Este grupo teatral obteve grande relevância dentro e fora da cidade e, até mesmo, para fora do Estado expandiu suas atuações. Da capacidade criativa e da falta de opção surgiam estes lugares de sociabilidade, reconhecimento e valorização da imagem dos negros. Destas brincadeiras dançantes, além dos piqueniques e excursões para bailes e outras realizações de afro-brasileiros em diferentes cidades, foram geradas outras organizações como os grupos de teatro, grupos voltados para artes diversas e para debater a condição destas populações. Com atuação permanente no contexto do nordeste paulista e em outras regiões e estados, o Grupo Travessia foi gerador de muitas alianças e enriqueceu os intercâmbios gerados a partir de outras expressões socioculturais:

A **gente viajava muito** e a gente ia pra várias cidades. Vixe! Era Passos, Ituiutaba, Uberaba, Uberlândia, Ituverava, Orlândia, Araraquara, São Carlos, Rio de Janeiro, São Paulo... Vixe, viajava muito! Nós chegamos a ter umas 20 e poucas pessoas. Todos eram negros, pra não falar... não tinha um branco tem um (Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48... . O Pedro

Paulo e o Travessia não tiveram substitutos em Ribeirão Preto. Quando eu estava no Travessia, nós fomos pra Franca, Araraquara, Batatais, Mococa, Sertãozinho, e outras cidades (Sr Sebastião, 48 anos).

Estas trocas ocorridas ente os Grupos de teatro, dança e outras artes realizadas pelos negros, foram pontes ricas para a geração de narrativas de desconstrução do racismo, de afirmação do fenótipo dos afro-brasileiros e de veiculação das formas culturais desenvolvidas pelos negros a partir de suas particularidades sócio-históricas e suas diferenças. Estes grupos de teatro compartilhavam dos diferentes conteúdos circulantes no contexto para definir o lugar dos negros em narrativas paralelas e/ou concorrentes com as narrativas estereotipadas da lógica da norma excludente. Na cidade de São Carlos, constituiu-se o Grupo de Arte e Cultura Afro-Brasileira Congada que interagiu com diferentes formas culturais como bailes, desfiles de beleza, filmes e debates:

Essa época de baile foi muito importante pra nós. E como eu já fazia parte do Grupo Congada e nós fazíamos baile, mas nós tínhamos uma proposta diferente de baile. Passávamos filme, a gente fazia filme também! Por exemplo, gravava filme das coisas que o grupo fazia e a gente dançava no baile. Eu lembro de uma sequencia de slides que a gente montou e a gente usou música de Marvin Gave, “Earth wind fire”... A gente fazia teatro no meio do baile, desfile de tranças aqui no Congada e em Ribeirão Preto também, por sua vez, fazia por conta do Grupo Travessia e do salão do Zimbábue (Sra. Vera 58 anos).

Estas apresentações teatrais, debates e bailes, estão entre as expressões diversas, como as rodas de Capoeira, que a população negra de Ribeirão Preto realizava. Atuações responsáveis pela tessitura das redes estabelecidas entre negros da cidade e de outras cidades do nordeste paulista, como São Carlos:

Eu, quando ia pra Ribeirão Preto eu **participava junto com o “Travessia”** nas apresentações de teatro onde tinha **debates depois**. Participava dos **bailes** de sábado à noite também (Sra. Célia, 53 anos).

Em suas atuações conjuntas, o Grupo Travessia e a equipe de bailes “Black Beautiful Song”, desenvolveram muitas ações em diferentes cidades e regiões, a exemplo do Triângulo Mineiro, na cidade de Uberaba, aonde chegavam com grandes caravanas para o clube negro “Elite” desta localidade:

Mas os caras passaram a vir pra cá, só que aí o clube novo e tal aquele negócio começou virar um auê (uma festa), uma coisa maravilhosa, aí vinha! Parece que **vinha Ribeirão Preto inteiro** pra cá, **porque vinha muita gente, era dois, três ônibus** que chegava... Mas chegavam, eles invadiam aqui, eles invadiam e aí os caras, me lembro muito bem de repente vieram outros, mas eu acho que o pioneiro desse negócio foi o Aluísio (vulgo Caju) eu acho que foi o Caju e o Mauro, eu acho que foram os pioneiros a vir fazer esse negócio de bailinhos. Eles vinham e já vinham com eles a caravana vinha chegando. Num desses bailes, a gente armava no meio do baile, armou-se uma apresentação do Travessia com a Tica e o Pedro Paulo. Que Deus me perdoe, mas eu queria muito lembrar e vou lembrar da fala da Tica, mas a expressão eu não... Não, esqueço, era tipo uma exclamação! Com os braços abertos pra cima e ela pequeninha e gigante naquela expressão, aquilo marcou muito (Sr André, 48 anos).

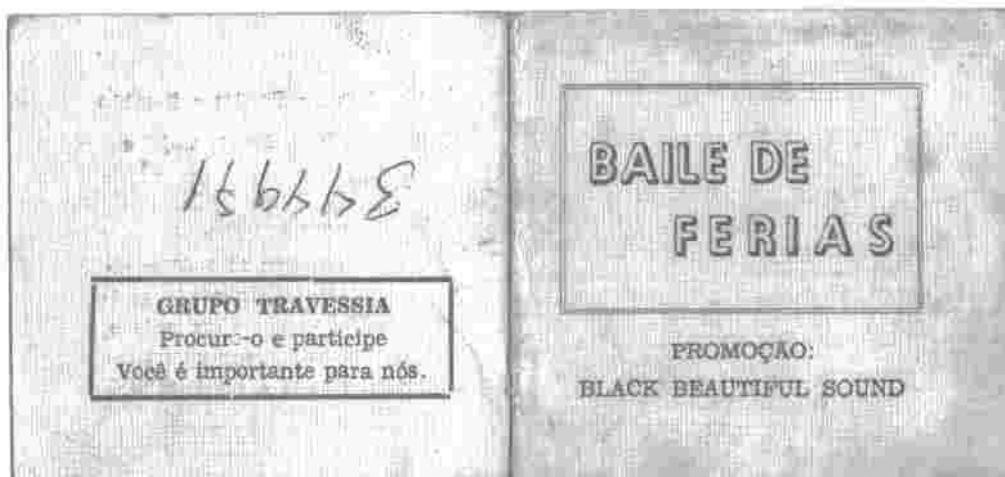


Figura 1 - Convite de Baile Black, 1978. Equipe Black Beautiful Sound, uma das alianças do Grupo Negro de Tetro Travessia².

As apresentações do Grupo Travessia geraram frutos, suficientes até mesmo para influenciar na formação do grupo de teatro dos negros Clube Elite, grupo estabelecido após as incursões dos negros ribeirão-pretanos. Eram atuações que marcavam a memória dos negros locais e fortaleciam os vínculos entre as organizações negras destas regiões, além de afirmarem as organizações de Ribeirão Preto como importantes difusoras de narrativas na construção das identidades entre as populações negras:

Aí, no meio do baile eles fizeram aquela apresentação e aquilo foi a mola propulsora pra gente criar um grupo teatral também, nas mesmas condições, assim semelhantes, copiando não, pra fazer a peça de Zumbi tal, que aí também... Eu não sei dizer se era Navio Negreiro ou se era Zumbi, alguma coisa assim (Sr André, 48 anos).

Este grupo uberabense, formado a partir da experiência dos negros do Grupo Travessia, reverberou suas mensagens para outras paragens com intervenções em bailes e demais atividades de outras cidades do triângulo. Intervenções estas que somadas a outros elementos identitários, como as danças, a música e os compunham um rico contexto narrativo de desconstrução dos estereótipos da lógica hegemônica:

Apresentamos, saímos daqui e levamos pra Patrocínio, e me lembro que a gente foi Araxá, a gente foi pra Uberlândia e outras cidades com nosso teatro negro. Mas aí, que foi com essas pessoas do Travessia, eles que vieram com essa ideia, aquilo mudou o contexto do baile, que era o baile nosso de dança, samba-rock, o nosso soul, os passinhos, os grupo de dança ap o. Vinham os grupos de dança de lá e nós apresentávamos o grupo daqui também. **Esse lance do Grupo Travessia foi um marco**, foi diferente, aí a partir dali, a gente criou esse grupo (Sr André, 48 anos).

Destes contatos entre o grupo Travessia e o Clube Elite surgiram outros intercâmbios com cidades de Minas Gerais e, até mesmo de São Paulo. Como a cidade de Barretos,

² As figuras presentes neste artigo são parte do acervo do pesquisador Prof. Dr. Sérgio Luiz de Souza. Estas foram doadas ao mesmo durante a já citada pesquisa par de doutoramento do mesmo.

indiretamente influenciada por Ribeirão Preto, a partir do grupo mineiro. Esta é uma excelente expressão da circularidade cultural, das influências múltiplas e compartilhadas a partir dos mais inusitados contextos geográficos e temporais:

Aí foi diferente também, isso foi um movimento diferente, naquele contexto nós de moleque, nós realmente escandalizamos. O Elite parou, parou o Elite! Você só via a gente dançar, então aquilo foi massa. O ue era uma brincadeira de principio, só que na primeira atividade, nossa aquilo escandalizou ficou sem saber! Aí fomos embora, então falei: “vamos continuar”, aí fomos dançando. Com foi dito, na época discotecando também. Então eu, a gente armava as festa: “vamos levar a caravana do clube ‘Elite’ pra Patrocínio, Caravana do Elite pra Araxá, Caravana Elite pra Ituiutaba, caravana do Elite pra Uberlândia, pra Planúria, pra Barretos...” (Sr André, 48 anos).

Outra grande expressão de organização negra foi o Festival Comunitário Negro Zumbi, conhecido como FECONEZU. Um festival que congregou organizações negras de cidades de todo estado de São Paulo, como também, organizações provenientes de outros Estados. Este evento tem uma de suas origens mais remotas nos antigos festivais de cultura das sociedades recreativas e beneficentes. Porém, podemos observá-lo a partir das propostas de mobilização dos grupos negros na década de 1970 onde se faziam presentes diferentes objetivos. Fortalecer os intercâmbios entre os diversos grupos negros do Estado de São Paulo, dar visibilidade às demandas das populações negras, revigorar as organizações negras em diferentes cidades e regiões, além de reconstruir a memória e a história dos negros brasileiros (afro-brasileiros) e de seus descendentes africanos. Sob estas diretrizes ocorreu o primeiro Feconezu, na cidade de Araraquara, que produziu narrativas diversas. Narrativas difundidas já na chegada das delegações e do impacto que produziram na cidade de Araraquara:

Foi um choque aquela proporção de negros no Gigantão. Imagina o pessoal de ônibus, de trem, muita gente negra de várias cidades. Uma infraestrutura gigante. Eu lembro no dia seguinte, no rádio, o Polezi fazendo comentário do dia anterior que foi só no sábado, grande parte da cidade, principalmente a sociedade branca não esperavam um evento daqueles! O balé do Ismael Ivo, Zenaide, a Maria da Paixão. O Travessia de Ribeirão Preto se apresentou também, o Congada de São Carlos, o Vado de Campinas também. Eu lembro da minha mãe que dizia que nunca na vida dela ela tinha visto algo igual (Sra. Maria Nazaré, 57 anos).

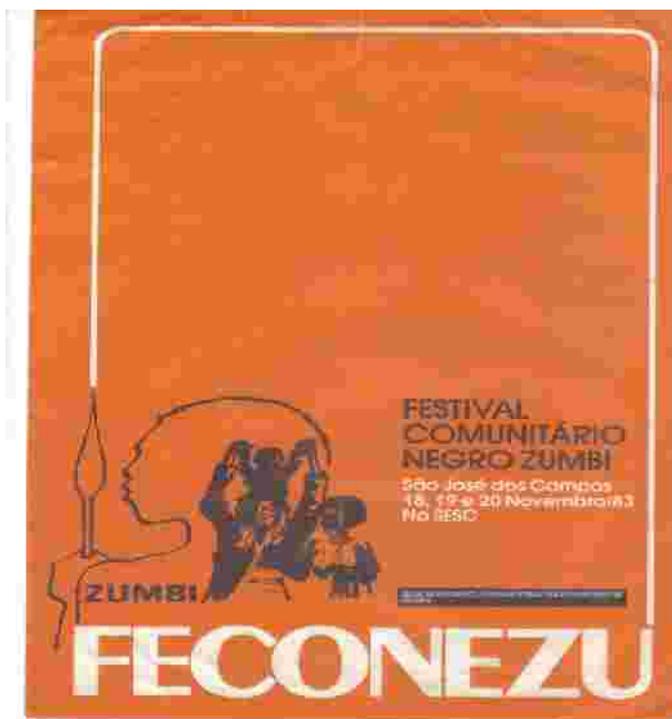


Figura 2 – Cartaz de Divulgação do Sexto FECONEZU realizado em São José dos Campos em 1983.

Nesta direção, as organizações negras objetivaram reconstruir a história do Brasil e ampliar o entendimento sobre o protagonismo das populações negras na estruturação de nosso país. Como nos relata senhora Neusa:

Na realidade sempre foi uma busca de africanidade quando começamos a participar, começamos a descobrir. Até então sabíamos nossa origem africana, mas o conhecimento sobre o que acontecia no continente africano era mais distante. Todo mundo aqui participava de uma cultura que não era média e a história africana não chegava, então teve um resgate mesmo e a gente conheceu o que se passava no continente africano e procurava divulgar. Era muito mais distante esta questão das pessoas que se consideravam de origem africana (Sra. Neusa, 53 anos).

Na efetivação deste propósito, Zumbi foi erigido como um referencial que colocava em relevo a combatividade e as conquistas das populações negras ao longo da história do Brasil em paralelo e, em contraponto, a narrativa hegemônica que a partir do referencial da Princesa Isabel afirmava um desenrolar histórico e um contexto de nacionalidade baseado na harmonia entre negros e brancos e na submissão e dependência dos negros. Nesta referência é que pode ser interpretada a “corrida em homenagem a Zumbi”, colocada como imprescindível e que por isso, “sempre acontecia”:

Tinha uma corrida, teve futebol. Todo Feconezu a gente organizava com esta formatação: a parte esportiva, futebol de salão, corridas, onde era possível, o atletismo, **mas havia sempre a corrida em homenagem a Zumbi!** Então a gente tinha muita competição com Ribeirão Preto, era muito forte esta disputa com Ribeirão Preto! Tinha artes plásticas, poesia, dança, teatro. Daqui foi o pessoal com teatro, do atletismo e o pessoal pra festa (risos) (Sr Zacarias, 51 anos).

Em paralelo à corrida em homenagem a Zumbi (ícone do festival), as diferentes expressões teatro, canto, dança visavam tecer uma narrativa sentido de recontar o papel do negro na história do país e denunciar e combater as diferentes maneiras de discriminação presentes no contexto social brasileiro.

Na noção de nacionalidade contida nos discursos dos grupos hegemônicos a partir dos anos 1930, o contexto social deveria ser organizado pela assimilação dos descendentes de africanos como um ato de generosidade dos grupos hegemônicos, simbolizado pela Princesa Isabel na assinatura da Lei Áurea. Narrativa esta que fundamentou, desde a década de 1930, a noção de nacionalidade em nosso país concebida por representações de uma suposta superioridade civilizatória dos grupos brancos e das expressões culturais a estes associados, em detrimento das formas culturais tradicionalmente associadas às populações negras e aos próprios grupos negros, a partir desta lógica, vistos como inferiores.

Ao abordar as transformações da constituição da identidade nacional e da nacionalidade entre 1850 e 1950, Lesser (2001) percebe que a “brancura” foi transformada em categoria cultural desde as primeiras décadas do século XX (Lesser, 2001, p.20). Este fator gerou uma fluidez no conceito de identidade nacional que abriu espaços para que os imigrantes, inclusive os asiáticos, encontrassem mobilidade suficiente no arcabouço da nacionalidade para reelaborarem suas identidades étnicas em acordo com a identidade nacional e se inserirem nos paradigmas hegemônicos em que o “brancos”. Para os afro-brasileiros esta fluidez pouco se expressava, posto que ao se mesclar etnicidade e cor da pele, instituiu-se uma dinâmica em que o negro foi situado no patamar da hierarquia social. Desta forma, mesmo quando aparentemente integrado, o sujeito negro, ao se mostrar “culturalmente branco” (de acordo com o padrão eurocentrado) encontrou sérias restrições à vivência de sua alteridade. De acordo com as narrativas presentes na concepção de identidade nacional, estes grupos negros deveriam buscar se integrar na nacionalidade brasileira para a efetivação de uma sociedade homogênea, fundamentada na pretensa superioridade dos grupos brancos e das expressões culturais a estes associadas, porém de forma subalterna, enquanto “colaboradores” dentro do processo de construção da nação. Uma parte substancial desta elaboração, da identidade homogênea e mestiça nacional, está presente na obra Casa Grande e Senzala de Freyre (2000).

Diferentes autores têm esclarecido sobre a relevância obra de Gilberto Freyre na reelaboração de um projeto identitário etnocêntrico na sociedade brasileira a partir dos anos 1930, e quanto aos prejuízos gerados aos negros e mestiços pela abordagem sociocultural e identitária deste autor.

Para Ortiz (1994) em Casa grande e Senzala, Gilberto Freyre (2000) consegue reformular a problemática da cultura nacional em uma harmonia fundada na ideologia da identidade nacional mestiça ao operar a passagem do conceito de raça para o de cultura, e assim o mito das três raças tornou-se sustentáculo de uma narrativa fundada em uma hierarquia verticalizada, com os negros na base, conciliada com a explicação de um moderno Estado brasileiro. Nesta narrativa os conflitos sociais são encobertos por meio de uma idealização da vida nacional na qual os grupos étnico-raciais e suas particularidades culturais são situados em uma dinâmica social harmônica (ORTIZ, 1994, p.41).

Aproximamo-nos desta percepção em conformidade com Sodré (1999) ao expor que o povo real e as contradições foram colocados de fora do projeto identitário dos grupos hegemônicos. Criaram um povo virtual (preguiçoso, pacífico, racialmente democrático) e um território desejável (pleno de riquezas inesgotáveis). Para este último, Gilberto Freyre (2000) reduz festas, liturgias, culinárias, costumes a meros elementos de uma mestiçagem tutelada pela casa-grande sob um padrão identitário único (SODRÉ, 1999, p. 103). Esta foi a tônica de construção da identidade e cultura nacional, pautada por uma solução de compromisso de aparência democrática que se concretizou em diferentes regiões do país inclusive no nordeste

paulista e triângulo mineiro, onde foi a base da norma identitária dos grupos “dominantes” locais.

Esta lógica que buscou produzir um esvaziamento da identidade, recorrente no descendente de africano escravizado, foi redefinida durante o século XX, com o cidadão negro livre submetido a um ambiente social eivado de representações veiculadas em práticas discursivas que estigmatizaram tanto sua ascendência biológica, com a negatização de seu fenótipo, quanto sua identidade étnica ao negar valor de cultura (civilização), aos saberes e práticas de origem africana e afro-brasileira.

Neste quadro, diferentes grupos irão compartilhar de valores e representações sociais fundamentados em estereótipos racistas conformadores do imaginário social predominante na região, tanto os antigos coronéis como os novos chefes políticos, alçados após a década de 1930 terão, na desqualificação dos negros, ganhos para firmarem seu predomínio na ordem social e/ou ostentarem seus símbolos de modernidade e civilização.

Perseguindo os objetivos colocados pelos diversos grupos negros de desconstruírem estas narrativas e as consequências de marginalização e opressão a partir destas geradas, as três primeiras versões do FECONEZU ocorreram anualmente em grandes cidades do nordeste paulista, a partir de 1978: Araraquara, Ribeirão Preto e São Carlos, respectivamente. Durante estes grandes festivais, as apresentações e demais atividades compreendiam diferentes vetores simbólicos elaborados para a afirmação das identidades dos afro-brasileiros para além das normas etnocêntricas. Inclusive com a valorização das negras, segmento mais oprimido entre esta população ao longo do tempo:

Na fundação do Feconezu em Araraquara, eu e o Maé fizemos apresentação. Eu tenho ela escrita, tenho o papel guardado do dia da apresentação! Foi Uma cena tão linda que hoje a gente encontra as pessoas que falam pra gente: eu vestida de branco, cabelo Black Power, uma tocha de fogo... O Maé entrava no palco fazendo uma alegoria de capoeira e eu com uma tocha, eu entrava com aquele texto e no fundo tocando “mulher brasileira” do Jorge Ben. O Pedro Paulo **ensaiava a gente na Praça XV, no teatro de arena, e outros espaços da cidade** (Sra. Bernadete, 54 anos).

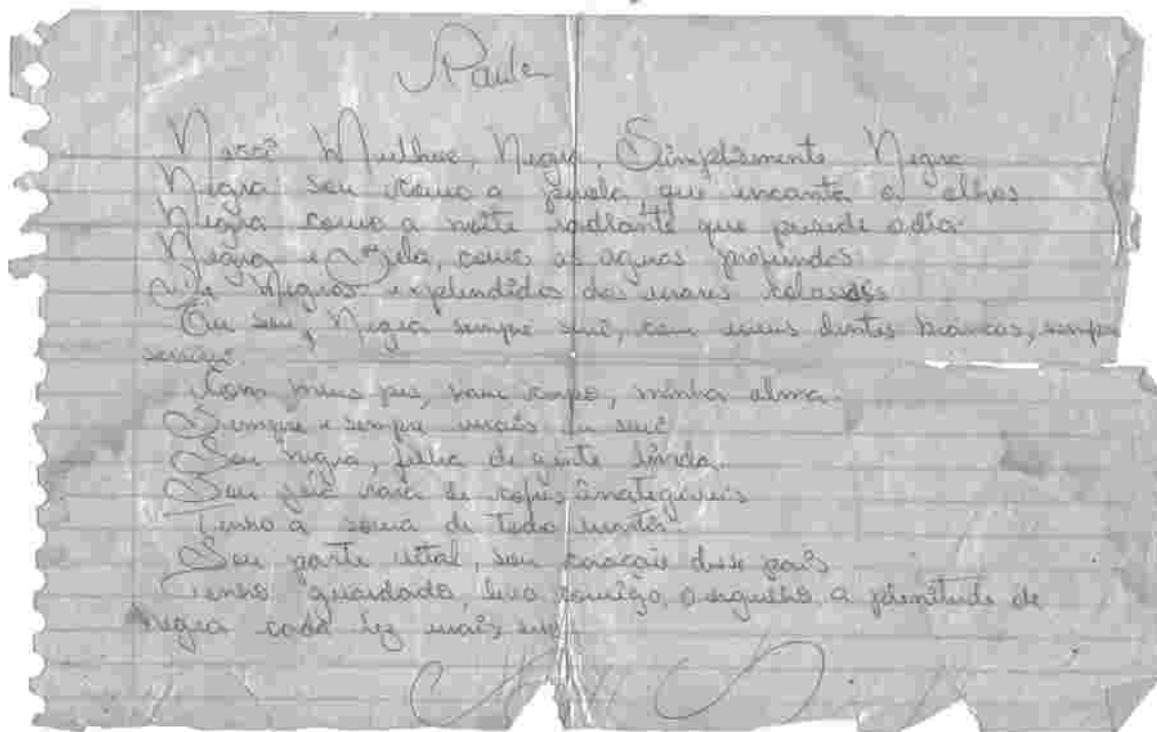


Figura 3 – Uma preciosidade: texto da apresentação de Bernadete pelo Grupo Travessia durante o FECONEZU de 1978.

Com a apresentação dos negros ribeirão-pretanos no FECONEZU, em 1978, temos condições de vislumbrar diferentes aspectos dos processos identitários como as performances do grupo Cativoiro de capoeira e a música de Jorge Bem Jor. A influência intensa da mídia por meio dos conteúdos produzidos por artistas negros a ser referenciais na construção das identidades negras, juntamente a união de outras diferentes formas de cultura como capoeira, teatro, música e dança. Além disso, a *re-união* de negros de diferentes cidades e organizações:

No primeiro festival, o FECONEZU de Araraquara, eu encontrei o pessoal de Ribeirão. Eu lembro que tava todo o pessoal do grupo Travessia e o “**Travessia**” se **apresentou** com um texto que nós já tínhamos apresentado no Teatro Municipal em Ribeirão Preto. Tinha um texto que eu lembro: “**sou negra e por ser negra eu sou muito mais mulher**”... e o **fundo musical era do Jorge Ben, (ele cantarola) “mulher brasileira, mulher brasileira**”, aí ela entrava. Quando a Bernadete fez este texto lá em Araraquara ela entrou no rol das mulheres negras que atuaram com este texto (Sr Aluizio, “Caju”, 50 anos).

Como afirmamos anteriormente, outra importante organização negra que esteve presente nestes processos identitários e nas conexões negros do nordeste paulista e outras regiões foi o grupo Congada de São Carlos. Este grupo de negros de São Carlos tinha como principal base a busca de afirmação da africanidade na construção das identidades negras e na desconstrução das normas hegemônicas da discriminação étnico-racial por diversos meios (canto, dança, estética, etc.). Este grupo também foi muito atuante nos diversos FECONEZU’S:

Nossa dança era dança afro, percussão ao vivo, muitos atabaques, canto, era lindo, era muito lindo! Nos apresentávamos em vários lugares: teatro municipal, SESC, **Flor de Maio, praças, escolas, na senzala lá na fazend não tinha lugar. A gente viajou muito pra outras cidades também**, em novembro de 1987 o grupo se apresentou em São José dos Campos que foi uma apresentação fortíssima. Nas apresentações e eventos vinha gente de muitos lugares. **Os negros de Ribeirão Preto vinham, de Araraquara, do Rio de Janeiro, porque São Carlos foi uma espécie de base do movimento negro** (Sra. Célia, 53 anos).



Figura 4 – Bernadete, o visual Black Power na Passarela no concurso Miss Bonequinha do Café, em 1976.

O Grupo Cativoiro, o Clube José do Patrocínio e o Grupo de Teatro Travessia, todos de Ribeirão Preto, participaram das discussões de preparação do segundo Feconezu com o grupo “Gana” de Araraquara e o grupo Congada de São Carlos, juntamente a outras entidades naquela cidade. Reuniões que também congregavam entidades paulistanas:

As reuniões de preparação do segundo Feconezu eram na academia do

Mestre Miguel, no centro de Ribeirão Preto. No primeiro encontro do pessoal de Ribeirão participava das discussões e de ações, mas a organização ficou mais a cargo de São Carlos, São Paulo e Araraquara. O pessoal do “Travessia”, do “José do Patrocínio” e gente do “Cativeiro” também é que estavam sempre juntos com a gente (Sra. Maria Nazaré, 57 anos).

Entre os presentes na divulgação do FECONEZU em Araraquara e São Carlos, a participação dos negros de Ribeirão Preto contou com a participação, entre outras organizações, da equipe de som ribeirão-pretana Black Beautiful Song que divulgava o festival “dando um toque” nos bailes:

O Feconezu, eu ajudei a montar lá em Araraquara. Eu, a Ádria e o pessoal. Particpei do primeiro encontro do Feconezu, foi eu, a Ádria, Pedro Paulo... Dávamos o **toque no baile pra rapaziada** (Sr Ismael, 53 anos).

O som Black que marcava estes bailes realizados pela equipe Black Beautiful Song, na organização do Feconezu embalava outros eventos que ficaram na memória de sujeitos de outras cidades, como o senhor Zacarias de Araraquara nos relata:

Da festa do casamento da Maria do Carmo, irmã da Ádria recordo. Eu lembro e falava pro pessoal aqui de Araraquara sempre local. Tiveram duas coisas que marcaram legal, uma foi o Feconezu, pra nós foi um impacto chegar em Ribeirão (eu não participei das reuniões de organização) o Clube onde o Feconezu foi feito naquela terra roxa. E o casamento feito numa chácara, um caramanchão, tipo coisa de fazenda. Lembro que duas ou três músicas do Steve Wonder de um dos antigos LPS do início da década de 1970 tocaram no casamento (Sr Zacarias, 51 anos).

Embora Ribeirão Preto fosse a maior cidade da região nordeste paulista e apresentasse grande influência na elaboração das redes entre as organizações negras regionais, em muitos aspectos cidades menores tiveram centralidade no fluxo da alteridade, na produção das identidades e diferenças. Como apontamos no caso dos bailes, no qual Araraquara constituiu-se enquanto principal referência, também surge o exemplo da centralidade de São Carlos e Araraquara na efetivação dos Feconezus:

A gente tinha mais ligação com São Carlos, mas Ribeirão traz uma influência legal pra Araraquara, com o Russo, a Ádria, o Caju, o Maé, o Dani, o Pedro Paulo, a Tica, o mestre Miguel e outros. O grupo Travessia foi importante, mas nossa relação maior foi com São Carlos (Sr Zacarias, 51 anos).

Nestes caminhos de diferentes centralidades e rotas, a ordem de realização do Feconezu nas diferentes cidades e os critérios e estratégias envolvidas nas escolhas seguiram o direcionamento de fortalecer as entidades negras que precisassem se firmar, este foi o caso do Grupo Gana em Araraquara. Desta maneira o primeiro encontro do FECONZU aconteceu na cidade de Araraquara, em 1978. De acordo com a disposição de fortalecer os grupos negros das cidades onde se realizassem os Feconezus e aproximar a população das organizações locais, o primeiro evento aconteceu em Araraquara, em 1978, e o segundo em Ribeirão Preto, em 1979, neste caso, para fortalecer o Clube José do Patrocínio. A realização do segundo Feconezu em Ribeirão Preto expressou a capacidade de articulação política dos diferentes grupos negros. Assim, o evento foi marcado pela atuação do Black Beautiful Song (Equipe de bailes Black), do Grupo Travessia de Teatro e o Grupo Cativeiro de Capoeira, além do

próprio Clube José do Patrocínio, clube negro atuante em na cidade entre as décadas de 1970 a 1990.

Ao focarmos o Feconezu e mesmo outras alianças e dimensões dos processos identitários destas diversas organizações no interior ista e mineiro, caminhamos em convergência com a proposta de BABHA (1998) de realiza uma leitura do tempo duplo e cindido da representação nacional como caminho para o questionamento da visão homogênea e horizontal da comunidade imaginada da nação como corpo coeso e plano. Vislumbramos o horizonte da cultura, da identidade nacional e dos grupos hegemônicos regionais, nela e por ela instituídos, sempre convivendo com a presença perturbadora das temporalidades da diferença instauradas pelos grupos não-hegemônicos.

Como Babha (1998) percebe esta relação entre a norma homogênea e os grupos diversos? Compreende que o conceito de povo emerge em a discursos múltiplos como um movimento narrativo duplo, na leitura entre as fronteiras do que ele designa como a “temporalidade pedagógica” do espaço-nação, e os tempos da lógica performática dos grupos não-hegemônicos (BABHA, 1998, p. 205). Com esta compreensão distingui-se de leituras deterministas baseadas na submissão dos grupos sociais aos desígnios do Estado-Nação e consegue evidenciar a dimensão ativa da esfera dita povo.

Neste processo intenso de constituição das redes de significados entre os negros, inclusive nestes festivais, o Grupo Travessia agia em parceria com outras organizações negras. Uma delas é o já citado Grupo Cultural “Congada” de São Carlos que se apresentou no FECONEZU de 1979 com uma coreografia baseada em um dos grupos musicais que faziam sucesso nos bailes Black, o Earth Wind Fire, com a canção “Devotion”:

Em Ribeirão Preto foi a equipe do **Black Beautiful Soung que deu o som e o grupo de teatro Travessia se apresentou junto com aquele grupo de capoeira de lá, o Cativeiro**, que também fez uma roda e apresentou lá. Nós, **do Congada, levamos dança, dançamos com “Devotion” do Wind Fire**”. O pessoal de Araraquara levou teatro, uma peça “O negro que ri”, uma paródia do racismo, pra ironizar e refletir sobre as relações cotidianas, eles usavam máscaras brancas (Sra. Vera, 58 anos).



Figura 5 – Performance do Grupo Congada de São Carlos no Feconezu realizado em Ribeirão Preto no ano de 1979.

A participação de Araraquara no festival ocorrido em Ribeirão Preto foi capitaneada pelo Grupo de Divulgação de Arte e Cultura Negra de Araraquara, o grupo “Gana”. A atuação do grupo Gana traz consigo a afirmação das identidades negras e a desconstrução das narrativas estereotipadas do contexto da discriminação sócio-étnico-racial. Desconstrução realizada por diversos caminhos e formas culturais. Um destes caminhos foi a ironia e o discurso sutil da sátira que ridicularizavam as narrativas racistas, com o recurso à comicidade, fundada em formas caricaturais presentes na peça “Negros que riem”, de autoria de Henrique Cunha Júnior, apresentada pelo grupo araraquarense:

O que eu lembro bem foi da nossa participação lá em Ribeirão, que foi com a nossa peça, “Negros que Riem” que foi uma grande atração, todos nós participamos, foi em Ribeirão Preto, eu lembro muito bem o Cuti assistindo e dando muita risada! Foi uma peça do Henrique Cunha Júnior em que os negros representavam os brancos e para representar os brancos botavam uma máscara branca. Era assim, contava o cotidiano do povo negro na sociedade brasileira, preconceito, discriminações. Era uma paródia da realidade em que interpretávamos situações de preconceito, várias situações. Nós fomos em dois ônibus daqui pra Ribeirão Preto (Sra. Maria Nazaré, 57 anos; Sra. Neusa, 53 anos).

Organizações negras como o grupo Cativeiro de Capoeira e espaços como o “Salão Zimbábue Black Power” (primeiro salão voltado à estética afro em Ribeirão Preto) ligado a integrantes da equipe de som Black Beautiful Song e ao Clube José do Patrocínio, foram ativos na cidade de Ribeirão Preto. Também se tornaram referências importantes para os

intercâmbios entre as organizações negras das diferentes cidades do nordeste paulista e do triângulo mineiro:

O Caju! O Caju! Quando ia a Ribeirão a gente ia pra Ribeirão nas **reuniões passava lá no salão do Caju, era uma das referências pra nós** que éramos de fora também. **Outra referência pra nós era a academia do mestre Miguel.** O salão do Caju também participou do Feconezu, eles zeraram uma demonstração de tranças (Sr Zacarias, 51 anos; Sra. Neusa, 53 anos).

Considerações Finais

Para compreendermos, ou melhor, para concebermos a relevância das alianças destas organizações situadas em diferentes regiões e as narrativas geradas ao longo dos FECONEZUS e das atividades cotidianas destas entidades negras em suas ou em outras localidades, precisamos nos situar na apreensão da capacidade transformadora do “movimento das singularidades”. Neste sentido, movemos nossas reflexões em função do entendimento de que “a ordem autoritária” hegemônica procura conter o indeterminado da diversidade por meio de fixações identitárias que possam assegurar a previsibilidade das ações sociais sob uma homogeneidade predeterminada. Entretanto, por outro lado, em contato com esta ordem hegemônica, ocorre o movimento de singularidade que Sodré (1999) descreve a partir de um diálogo com Paul Ricoeur na reflexão da identidade enquanto ipseidade, como dimensão das interações de temporalidades e diversificações dos atores sociais e de suas narratividades:

Seja pessoal ou nacional, a identidade afirma-se primeiro como um processo de diferenciação interna e externa, isto é, de identificação do que é igual e do que é diferente, e em seguida como um processo de integração ou organização de forças diferenciais, que distribui os diversos valores e privilegia um tipo de acento. [...] a identidade de si ou ipseidade constrói-se em relação com alteridade, isto é, num jogo movimentado por aparências diversas, sem lugar para a certeza cartesiana lógica do sujeito da consciência (SODRÉ, 1999, p. 45).

Nesta dimensão, podemos pensar as expressões de identidade nos FECONEZUS e demais momentos de atuação das populações negras no Brasil, como provenientes de uma narratividade gerada da integração e dos contatos intergrupais de forma indeterminada, distinta da lógica normalizadora eurocentrada ou de concepções essencialistas em busca de uma identidade negra idealizada. Entendemos que a identidade, assim, encontra-se estreitamente ligada à alteridade, em uma dinâmica regida por interação da liberdade de ação dos atores sociais com margem a estratégias e decisões tomadas em função de hipóteses sobre os comportamentos dos outros, desta perspectiva é que urge a concepção da identidade como processo descrito pela relação com a alteridade e num jogo de aparências e tomadas de posição, na dimensão do devir das relações.

Estas foram redes estruturadas por meio de compartilhamentos com suas extensões, redes que alcançaram e uniram diversos espaços da diáspora, até outros países, a partir das trocas simbólicas de valores e práticas diversas. Assim se estabeleceram territorialidades constituídas nas redes sociais que forjaram as lutas e as expressões socioculturais componentes de bases às atuações e à geração de outras narrativas, para além do âmbito das normas hegemônicas. Neste contexto é que se insere a atuação do Grupo de Teatro Travessia e de Pedro Paulo da Silva e, por meio desta expansão de olhar é que se torna possível melhor

conceber a dimensão da ação de Pedro Paulo da Silva, deste líder negro brasileiro e de outras tantas figuras emblemáticas da história de formação da sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

BABHA, HOMI. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 3ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2000.

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da identidade Nacional: Imigrantes, minorias e a Luta pela Etnicidade Nacional no Brasil**. São Paulo: Edunesp, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil, 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Sérgio Luiz de. **(Re)vivências negras**: entre batuques, bailados e devoções-práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950), Ribeirão Preto-SP: Edição do Autor, 2007.

_____. Sérgio Luiz de. **Fluxos da Alteridade**: Organizações Negras e Processos Indentitários no Nordeste Paulista e Triângulo Mineiro (1930 – 1990). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Araraquara. 2010. 450 páginas. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 10.